



O que aprendemos quando participamos de bancas examinadoras de monografias?

What do we learn when we participate in dissertation review boards?

Raquel Carine de Moraes Martins

Universidade Estadual do Ceará, <https://orcid.org/000-0003-2949-713X>,

raquel.carine@uece.br

Resumo

O objetivo do artigo é analisar os aprendizados docentes através da participação em bancas examinadoras de monografias, em um curso de graduação. Dentre os objetivos específicos, há: a) identificar como tem ocorrido o processo avaliativo-reflexivo durante as bancas examinadoras; b) caracterizar os rituais de passagem, em termos estéticos e coletivos e/ou individuais; c) examinar as dificuldades e as potencialidades nos trabalhos de pesquisa na graduação. A abordagem metodológica teve caráter qualitativo, com o método do Relato de Experiência (RE). Para tanto, utiliza-se da seguinte bibliografia: Nuñez (2023); Martins (2003); hooks (2000); Freire (1986;1996); Evaristo (2020); Beserra e Azevedo (2021). A partir dos resultados, identificou-se que nos percursos dos rituais das bancas examinadoras de monografia, aprende-se com o campo da pesquisa científica. Analisar as contribuições das bancas examinadoras em nossas experiências é um exercício que ainda está por se fazer, considerando as poucas pesquisas direcionadas para tal conteúdo.

Palavras-chaves: Bancas examinadoras; Trabalho de Conclusão de Curso; Ensino Superior; Aprendizagem; Pesquisa Educacional.

Abstract

The objective of this article is to analyze teaching learning through participation in monograph examination boards in an undergraduate course. The specific objectives are: a) to identify how the evaluative-reflective process has occurred during the examination boards; b) to characterize the rites of passage, in aesthetic and collective and/or individual terms; c) to examine the difficulties and potentialities in undergraduate research work. The methodological approach was qualitative, using the Experience Report (RE) method. The results revealed that the rituals of monograph examination boards provide insights into the field of scientific research. Analyzing the contributions of examination boards to our experiences remains to be done, given the limited research focused on this topic.

Keywords: Examination board; Final course work; Higher education; Learning; Educational research.

Revista Conexão ComCiência,
Fortaleza, n.1, v.6, e16728, 2026
ISSN: 2763-5848



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
Atribuição 4.0 Internacional.



1 Introdução

Em seus estudos antropológicos, Cohn (2005, p. 39-40) sinaliza que para os povos indígenas Piaroa da Venezuela “[...] o conhecimento deve ser adquirido e armazenado como ‘contas de conhecimento’, tornando-se parte constitutiva da pessoa¹.” Inspirada nessa passagem, tenho como objetivo estudar as aprendizagens docentes, que denominarei como contas de conhecimento, quando participamos de bancas examinadoras de monografias em cursos de graduação. Entendo que as contas, ao longo de nossos processos formativos e profissionais, não se caracterizam como cumulativas, nem lineares, mas entremeadas por mudanças, movimentos dialéticos necessários para a refundamentação dos nossos respectivos contextos sociais, culturais, econômicos e políticos.

A ideia de realizar essa reflexão se deu a partir de minhas experiências com as atividades de pesquisa educacional em cursos de graduação e especialização, de uma universidade pública. Espaços como orientações, monitorias, ensino, pesquisa, cursos de extensão, mesas de debate, produções escritas, conversas informais e, sobretudo, as experimentações com os rituais de bancas examinadoras de monografias, ajudaram-me na sistematização da proposta em tela².

É importante enfatizar que os cursos de Pedagogia se apresentam como espaços-tempo privilegiados de múltiplos saberes e fazeres. São diversificadas as áreas de conhecimentos que atravessam os nossos cursos e que estão em constante disputas, levando-nos a desafios outros que podem implicar em uma melhor ou não qualidade junto à formação docente de milhares de estudantes que buscam uma qualificação para atuar na educação básica ou no ensino superior. A formação em pesquisa, não desconecta de outros saberes, é um dos fios condutores dessa jornada.

¹A noção de ‘contas de conhecimento’ é própria da etnia indígena Piaora, não cabendo qualquer semelhança ou comparação, mas inspiração nos saberes dos povos originários.

²O presente trabalho dará centralidade as bancas de defesa de monografias, porque estamos levando em conta os anos de experiências com esse tipo de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em um curso de graduação.





Iniciar uma reflexão de nossos aprendizados a partir do campo da pesquisa em diálogo com a formação docente, com destaque para as experimentações em bancas de defesa de monografia, é parte de um compromisso com a área da Pesquisa Educacional, considerando as experiências estudantis que, muitas vezes, só têm no momento da produção de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) um instante para o exercício autônomo de uma atividade investigativa mais efetiva. Destaco que tal realidade é recorrente com estudantes que estão nos cursos noturnos das universidades, compreendendo que a maioria trabalha durante o dia, não podendo participar de outras atividades acadêmicas que a universidade propõe ao longo dos semestres, vinculadas à pesquisa, ao ensino e à extensão.

Diante desse cenário, indagamos: quais aprendizados, entre desafios e possibilidades, temos apreendido quando participamos de bancas examinadoras de monografia, seja como orientadores (as) ou como membros (as) convidados (as)? O que tem sido contado no processo avaliativo-reflexivo quando estamos em bancas examinadoras? Como tem ocorrido esse ritual de passagem, em termos estéticos, coletivos e/ou individuais? Quais têm sido os elementos potencializadores nessas trajetórias em pesquisa educacional, considerando as condições do aprender a fazer pesquisa quando elaboramos a monografia, sobretudo em cursos noturnos³?

Em uma breve revisão de literatura, foi possível identificar que não há muitos registros acerca de experiências e/ou vivências em bancas examinadoras de monografia sob a ótica de educadores (as), nem sob a ótica de estudantes. De modo geral, nas produções científicas que abordam as bancas de monografias há reflexões no tocante ao processo de produção do TCC, aspectos que serão explorados mais à frente. De outro lado, identifiquei estudos que abordam múltiplas experimentações no âmbito da formação em pesquisa nos cursos de graduação, a saber: os limites e possibilidades de construção do TCC; as relações entre orientadores (as) e orientandos (as); ausência de interesse e

³Destaco os cursos noturnos porque minhas experiências transitam neste turno de trabalho. Destaco que a conciliação entre trabalho e estudo não é uma característica apenas de estudantes que estudam à noite, muitos (as) estudam pela manhã e trabalham à tarde. Todavia, nos cursos noturnos, em sua maioria, prevalece a figura do (a) estudante que trabalha.





dedicação de parte dos (as) estudantes; baixa participação docente em atividades de pesquisa e extensão; dificuldades discentes com a escrita acadêmica⁴; as precárias condições de trabalho dos (as) professores (as) quando lidam com um alto quantitativo de orientações, implicando em prejuízos para as criação por meio das orientações; as dificuldades e os limites dos (as) estudantes diante a necessidade de conciliação entre a construção de um TCC e os problemas pessoais e/ou familiares; os desafios da conciliação entre o trabalho e o estudo; a difícil jornada entre a maternidade, o acesso e a permanência no Ensino Superior⁵; a satisfação do aprendizado através do exercício da pesquisa por meio de um TCC; os esforços de alguns cursos em qualificarem os trabalhos docentes de orientação para atender melhor às necessidades do corpo discente⁶.

Com isso, o objetivo do artigo é analisar os aprendizados a partir das experiências com as bancas examinadoras de monografias, em um curso de graduação, seja como orientadora, seja como professora convidada. Dentre os objetivos específicos, há: a) identificar como tem ocorrido o processo avaliativo-reflexivo quando estamos em bancas examinadoras; b) caracterizar os rituais de passagem, em termos estéticos e coletivos e/ou individuais; c) examinar as dificuldades e/ou limites identificados nos trabalhos de pesquisa quando estamos na condição de banca examinadora, considerando os elementos potencializadores nessas trajetórias em aprender a fazer pesquisa quando elaboramos um TCC e o apresentamos, sobretudo em cursos noturnos.

Assim, depois do texto introdutório, discorro sobre a metodologia adotada; em seguida, sobre os aprendizados em relação às experiências nas bancas examinadoras de Trabalhos de Conclusão de Curso; por fim, as considerações finais.

⁴Acrescento aqui as conexões com a leitura, a interpretação de textos científicos, além do aprendizado do saber oral no Ensino Superior. São pontos que vêm sendo recorrentes no mundo universitário, entre corredores e sala de aula. Aspectos que nos convidam a produção de variados espaços para compartilhar saberes e aprendizados para orientar as tecituras dos textos acadêmicos.

⁵As difíceis jornadas quando se está na condição de mãe é um elemento fruto de nossas experiências na graduação.

⁶Nesse primeiro estudo, não identifiquei pesquisas que tratassem da relação entre as bancas e as produções de TCC com à raça, ao gênero, à sexualidade, à geração, nem discussão de classe. As pesquisas refletem de maneira geral, sem fazer qualquer diferenciação entre sujeitos (as), mas tocam nas dificuldades quando o (a) estudante trabalha e estuda de modo concomitante. São temas de meu interesse para as próximas produções, considerando que este é um primeiro escrito com relação ao aprendizado em bancas de defesa.





2 Metodologia

A abordagem metodológica teve caráter qualitativo, considerando que a pesquisa qualitativa responde a questões específicas, com interesses no “[...] universo de significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.” (Minayo, 2007, p. 21). Inspiro-me no Relato de Experiência que, de acordo com Mussi, Flores e Almeida (2021, p. 63), caracteriza-se “[...] como expressão escrita de vivências [...]”. E, em diálogo com o Relato de Experiência, tomo como centelha a noção de escrevivência de Conceição Evaristo em que a escrita é uma possibilidade de apreender um mundo, como uma autoinscrição, considerando as nossas histórias e as nossas vidas. (Evaristo, 2020, p. 35).

Nesse movimento, as nossas memórias e experiências na área da pesquisa educacional nos últimos anos, principalmente no que tange à orientação e à participação em bancas de monografias, tornaram-se fios condutores. Tomo como paradigma a dialética, pois o conhecimento não pode ser compreendido de forma isolada em relação à prática política dos (as) sujeitos (as), trata-se de uma abordagem que sinaliza a reciprocidade entre sujeito e objeto, como uma interação social (Severino, 2007).

Utilizei-me da pesquisa bibliográfica, compreendendo-a como o lócus de registros importantes disponibilizados por outros (as) cientistas, ajudando-nos a compreender melhor o contexto de nossos estudos. Para tanto, em uma breve revisão de literatura, acessei o site *Google* com os seguintes descritores: banca de monografia, pesquisa educacional e formação docente. Com isso, selecionei 7 (sete) trabalhos de acordo com os objetivos do estudo, a saber: a) “Ensinar a pesquisa: o que aprendem docentes universitários que orientam monografia?”, Azevedo (2011); “Dificuldades do processo de orientação em trabalho de conclusão de curso: um estudo com docentes do curso de ADM – Privada”, Medeiros; Rocha; Silva; Danjour (2015); “Formação em debate: metodologia aplicada no processo de orientação do TCC de Serviço Social”, Araújo e Klazura (2020); “Apontamentos para orientação de monografia”, Rodrigues (2021); “O papel do TCC na formação do professor pesquisador: o caso da licenciatura





em Geografia do IFRN O papel do TCC na formação do professor pesquisador: o caso da licenciatura em Geografia do IFRN”, Júnior (2021).

Após o levantamento dos trabalhos, realizei o fichamento crítico dos respectivos textos como um exercício de análise, mapeando os seguintes aspectos: autoria, local de publicação, contexto de realização da pesquisa, tipo de trabalho acadêmico, objetivo geral (e específicos), abordagem metodológica, quadro teórico, principais resultados e discussões. Após a análise, observando a atenção dada a dinâmica em torno dos aprendizados, através das experiências em bancas de defesa de monografias, teci considerações atenta aos objetivos do trabalho, em diálogo com as vivências que marcaram as minhas reflexões nos últimos anos⁷.

3 Resultados e Discussão

3.1 Benquerenças, Aprendizagens e Alteridade: Os Rituais das Bancas

Examinadoras de Monografias

Que aprendizados, como educadores (as) e pesquisadores (as), temos apreendido como contas de conhecimento quando participamos de bancas examinadoras de monografia, seja como orientadores (as) ou como membros (as) convidados (as)?⁸ Esse foi um primeiro questionamento que eu elaborei a partir de uma experiência recente em uma banca de defesa como membra avaliadora. Uma estudante que estava a anos tentando finalizar o seu TCC, inclusive já atuando como professora da educação básica, na semana de sua apresentação me telefonou trêmula, medicada e com um choro de angustia, relatando que não conseguia dormir, preocupada com os caminhos da orientação e finalização de um longo ciclo, a graduação, por meio do processo avaliativo de sua monografia.

⁷Quando menciono a noção de minhas experiências e/ou vivências, refiro-me a um conjunto de pensamentos e estudos que venho sistematizando a partir da relação com outras pessoas que tenho mantido diálogos acerca de tais espaços-tempo. Nesse sentido, não se trata de uma produção individual, mas social.

⁸No início eu tinha a ideia de realizar um levantamento juntos aos (às) docentes no Ensino Superior, todavia, ao passar dos meses na escrita do texto, considerei importante tecer uma primeira reflexão a partir das minhas experiências, para depois dialogar com outros (as) profissionais.





Já com alguns anos de experiência na área da pesquisa educacional, somando com a produção de minha monografia em que estudei os aprendizados em pesquisa em um curso de Pedagogia, tendo como centralidade as trajetórias de estudantes, identifiquei desafios, obliterações e potencialidades para tal intento, necessitando de constantes reflexões, estudos e avaliações na medida em que nos entrevemos com a atualização do tempo e movimento das aprendizagens em pesquisa. Elementos que exploro no artigo em tela, com destaque para as nossas aprendizagens em bancas examinadoras de monografia, um espaço-tempo em que não encontramos estudos suficientes no campo da pesquisa educacional. Tenho como hipótese de que há certa negligência ou desatenção quando constato a ausência de análises no tocante aos rituais de bancas examinadoras na formação acadêmica. Com isso, a iniciativa para escrever e pensar tais vivências têm como fonte de inspiração as nossas benquerenças, aprendizagens, desafios, desgastes, desencontros, encontros e alteridades em conjunto com discentes e docentes.

Destarte, com os resultados da análise da revisão de literatura em diálogo com as nossas experiências, teci outras indagações: por que não há espaços contínuos e colaborativos para o estudo acerca das produções de TCC's, ou melhor, para a produção de conhecimento científico no âmbito da graduação que contemplem não-bolsistas?⁹ As disciplinas cursadas têm colaborado com a formação em pesquisa, ou têm se constituído como espaços de reprodução do ato de conhecer, com atividades exaustivas, priorizando abordagens conteudista e a cópia em detrimento do aprender a fazer pesquisa¹⁰? Qual o lugar da nossa autonomia e capacidade de criarmos quando acessamos textos acadêmicos ou não, quando escrevemos, quando pensamos? Quais epistemologias atravessam os nossos currículos, quais as colaborações para intencionar abordagens contextualizadas, complexas, plurais e democráticas que considerem os saberes prévios dos (as) estudantes? Consideramos os traços de classe social, raça, gênero, sexualidade, geração e demais diferenças para examinarmos esses percursos e abordagens pedagógicas quando tratamos da formação em pesquisa junto aos (às) estudantes? No tocante aos (às) estudantes que

⁹Algumas ações importantes vêm sendo experimentadas, mais a diante faço referência, porém ainda identifico como pontuais, sem retirar a sua importância e urgência.

¹⁰Não dissocio do ato de ensinar, nem da extensão.





não concluíram a graduação devido à etapa de elaboração do TCC, como a universidade tem se posicionado?¹¹ Aspectos a serem ponderados e estudados, principalmente quando nos responsabilizamos com cenários descritos no primeiro parágrafo do presente tópico.

Retomo a ideia de bancas examinadoras como rituais de passagem na universidade. Rituais que se traduzem em costumes construídos historicamente, acordado entre sujeitos (as) em seus respectivos contextos culturais, constituindo-se como uma passagem de ciclo, uma espécie de corredor simbólico, levando em conta as relações de poder que cada lugar e conhecimento materializam. A noção de ritual é uma categoria estudada na Antropologia, principalmente por Victor Turner, todavia, minha inspiração para tal relação retoma a obra de Peter McLaren (1991) “Rituais na escola: em direção a uma Economia Política de símbolo e gestos na Educação”. O autor se interessa pelos rituais hegemônicos da sala de aula, no entanto, seu desejo é explorar os rituais como espaço-tempo para mudança social. Inspiro-me igualmente nas reflexões de Leda Martins (2003) quando elabora o conceito de oralitura a partir da performance, segundo a autora, “A oralitura é do âmbito da performance, sua âncora; uma grafia, uma linguagem, seja ela desenhada na letra performática da palavra ou nos volejos do corpo”. Trata-se de inscrições grafadas através do corpo e da voz¹².

A meu ver, o ritual de defesa de uma monografia e/ou TCC, simbolizado junto às bancas examinadoras, em si, pode-se traduzir como um símbolo de coletividades, um rito de passagem que manifesta a feitura do encerramento de um longo ciclo no período da graduação. Ao pensar a defesa de um TCC, compreendo-a como um instante importante na vida acadêmica de milhares de estudantes, com a co-participação dos (as) orientadores (as) e de suas variadas redes de apoio ao longo do curso¹³. Não se trata,

¹¹Tenho realizado levantamentos junto ao Departamento de Ensino de Graduação (DEG), na UECE, acerca dos (as) estudantes do curso de Pedagogia que estão em condição de abandono a partir do fluxo de 2008.2. Até o momento só tenho informações do quantitativo de estudantes, não sabendo os motivos do abandono, estudos em andamento.

¹²Tanto Leda Martins como Peter McLaren têm como referência Victor Turner para estudar os rituais. Para tanto, destaco que a relação entre as minhas análises sobre as bancas como rituais são iniciais, marcando um processo de inspiração, iniciação, por considerar um primeiro trabalho. Ponto que merecerá melhores fundamentações em textos subsequentes ao assunto.

¹³Ressalto que nem sempre os (as) estudantes possuem redes de apoio, aspecto que vem estudado pela estudante Mayrla, do curso de Pedagogia, pesquisa de monografia em andamento no curso de Pedagogia





sobremaneira, de uma atuação isolada e/ou individualizada de quem escreve um TCC, por mais que alguns (mas) estudantes sigam caminhos solitários até o momento da defesa, quando não comunicam aos (as) amigos (as), os (as) sujeitos da pesquisa e/ou familiares para participarem desse momento. No entanto, no meu entender, constitui-se como um trabalho coletivo e individual (não descuidando da noção de indivíduo como sujeito social), de múltiplas mãos, interrupções, subjetividades, desejos, racionalidades, obrigações, medos, culturas, território-corpo¹⁴, responsabilidades científicas, com todas as suas potencialidades e limites, seja quais forem, é uma ocasião de aprendizado. Ou seja, até o momento da constituição de uma banca, para que cada estudante apresente o seu trabalho, lá atrás foram bordados múltiplos conhecimentos do (a) autor (a) do TCC em diálogo com todas as pessoas que estiveram, direta ou indiretamente, em seus trajetos, em diálogo com os seus referenciais teórico-metodológicos. Portanto, como contas de conhecimento, sinalizo a defesa de um TCC como um ritual plural e coletivo com traços de aprendizagem¹⁵, de passagem, uma travessia para outras etapas da vida acadêmica, pessoal e profissional que deve ser mediada a partir de abordagens dialógicas e educativas.

Dentre os elementos que se situam nesses rituais, há os critérios avaliativos para o momento das apresentações e/ou defesas. No geral, as bancas examinadoras de TCC's em cursos de graduação são compostas por dois ou três membros (as), mas há exceções em que contamos com quatro membros (as), incluindo o (a) professor (a) que orienta. Observo que a composição das bancas nem sempre leva em conta o desejo dos (as) orientandos (as) de fazer o convite a determinados (as) docentes, seja pelas contribuições durante o percurso da graduação ou por consideração, admirações mútuas; de outro modo, muitas bancas são compostas entre os (as) próprios (as) colegas de

da UECE. A despeito das orientações, a boa ou desgastante relação entre discentes e docentes varia muito a depender do curso, das formações que se encontram nesse percurso. De toda a forma, há certa e necessária co-participação.

¹⁴Descolonizando Afetos: experimentações sobre outras formas de amar, publicado por Geni Nuñez (2023).

¹⁵Beserra e Azevedo (2021).





trabalho, às vezes, da mesma área de conhecimento, por vezes, por afinidades epistemológicas, ou relações de amizades.

Nos “bastidores” de uma ou outra banca, os (as) docentes conversam com antecedência em relação a alguns percursos discentes e os seus próprios processos de orientação na mediação da pesquisa de um TCC, tendo como objetivo colaborar com a contextualização do trabalho até o momento de apresentação e/ou defesa. A meu ver, esse diálogo se torna pertinente na medida em que no momento da defesa, muitas vezes, desconhecemos os percursos e o aprendizado durante o fazer pesquisa do (a) estudante que irá fazer a defesa de seu trabalho de investigação científica. Em minha avaliação, é central que possamos considerar esses instantes rituais como um movimento educativo, apoiando a formação em pesquisa.

Do ponto de vista avaliativo, algumas pesquisas abordam critérios necessários para que as bancas possam considerar no momento das defesas de TCC's. Azevedo (2011) expõe que durante as bancas examinadoras precisamos levar em conta: a escolha e relevância do tema para o curso de graduação; a estrutura do trabalho (introdução, desenvolvimento e conclusão); o referencial teórico atualizado; a escrita do texto deve ser objetiva, direta, coerente, de acordo com as normas gramaticais, além do desenvolvimento lógico; a desenvoltura da oralidade; o uso adequado do tempo; o uso de aspectos lúdicos e artísticos da apresentação. Pontos que dialogam com os estudos de Rodrigues (2021), as bancas, de modo geral, centram o olhar em dois aspectos: no texto monográfico (a forma, o conteúdo e a linguagem) e na defesa oral em que há o domínio do conteúdo, a exposição e o recurso utilizado. Para ele, as bancas não podem desqualificar o trabalho dos (as) estudantes, cabendo-lhes realizar a leitura do trabalho, sugerindo melhorias e lançando um conceito, satisfatório ou não satisfatório. Acrescento que a atribuição do conceito tem na figura de quem orienta um compromisso, uma co-participação, implicada nos modos de orientação e desenvolvimento do trabalho em todo o trajeto, no olhar sensível de como o (a) estudante iniciou a sua pesquisa, como procurou desenvolvê-la, considerando as suas condições socioculturais e intelectuais, por fim, de como encerrou esse processo investigativo.





Elementos que nem sempre estão presentes na atuação das bancas, exemplo disso são as relações de poder estabelecidas, muitas vezes, não condizentes com posturas de alteridade e colaboração. Com base nas experiências e no estudo da revisão de literatura, algumas bancas aparecem como espaços de constrangimentos, humilhações, ansiedades, angustias, medos, individualismos, adoecimentos vários (estudantes que relataram insônias e medicações para lidar com esse processo, seja por violência doméstica, seja devido ao divórcio, seja com relação aos/as orientadores (as)). McLaren (1992), quando investiga a escola e os rituais de sala de aula, toca no conceito de corpo, este, transformado em símbolo central em sua crítica à escola, espaço que promove uma cultura da dor, enfatizando o sofrimento corporal do (a) estudante. Com isso, arrisco a afirmar que, em algumas experiências, o ritual de defesa de um TCC tem se desenhado como um espaço-tempo que alimenta a cultura da dor no Ensino Superior. Aspectos que dialogam com as reflexões de hooks (2000, s/p) quando nos lembra sobre o contexto filosófico do dualismo metafísico ocidental em que aceitamos a separação entre o corpo e a mente, não só nas faculdades lideradas por homens brancos, mas as faculdades negras eram como um “bastião da repressão”.

É importante destacar que os (as) membros (as) convidados (as), por vezes, desconhecem os percursos inventivos do (a) estudante que escreve, que pesquisa, entendendo aqui que, em muito, a avaliação não contempla esses trajetos, restringindo, muitas vezes, a sua análise ao texto presente, sem contar com o seu movimento. Em outros casos, identifico que não há atenção às leituras dos textos de TCC no momento da avaliação. De um lado, isso ocorre devido à uma lógica intensa de produtividade ao final dos semestres letivos, obliterando a qualidade do trabalho docente; por outro lado, a ausência de comprometimento, consciente ou não, para realizar uma leitura satisfatória de modo que colabore com a qualificação dos trabalhos e com a formação dos (as) estudantes, sobretudo no âmbito da pesquisa em substituição a posturas “academicistas” e descontextualizadas da formação inicial em pesquisa¹⁶.

¹⁶Quando menciono o academicismo estou me referindo ao não deslocamento do (a) professor (a) frente, ou ao lado da formação inicial discente em pesquisa. Com isso, assumem-se posturas austeras, sem





De modo complementar, Júnior (2021), em um artigo intitulado: “O papel do TCC na formação do professor pesquisador: o caso da licenciatura em Geografia do IFRN”, contando com a participação de mais de 40 (quarenta) estudantes, relatando que a defesa de TCC se traduziu como situações de humilhação, além de sofrerem com processos de comparações entre os (as) próprios (as) colegas de curso. O autor ressalta que diante as problemáticas encontradas, as bancas examinadoras devem ter a atenção para: a) serem mais objetivas; b) terem mais compromissos, indicando referências e sugestões; c) ler os trabalhos de modo a contribuir; d) é preciso rever os (as) professores (as) que se preocupam com detalhes simples; e) é preocupante avaliar sem atualizar as nossas próprias leituras; f) rever a ideia de membros (as) de bancas que discordam do (a) orientador (a) do TCC; g) refletir sobre o ambiente tóxico em que a academia, por vezes, insiste em manter, como a competitividade, as comparações desnecessárias e as vaidades. Por fim, a pesquisa aponta que falta um espaço favorável à reflexão e à escrita, além disso, há os estados emocionais e as competitividades acadêmicas estéreis que necessitam ser avaliados institucionalmente, observo que há um movimento de naturalização de nossas abordagens, sejam elas quais forem, em detrimento de um ambiente acadêmico que dê conta de um espaço-tempo de aprendizado, dialógico, humano e crítico.

Concordando com os (as) autores acima, identifico que há singularidades nesse processo avaliativo, a escolha do tema e a sua justificativa, a problematização, os objetivos e a abordagem teórico-metodológica, a coerência e a coesão da escrita, a criatividade, a forma e o conteúdo; elementos que atravessam os percursos formativos do (a) estudante enquanto pesquisador (a) em formação. Outros aspectos são igualmente importantes, a oralidade, o corpo, as memórias, a estética, o comprometimento com a formação em pesquisa, o experimento de fazer pesquisa, a trajetória estudantil (já vinculada a atividade profissional na maioria dos casos), dentre outros¹⁷.

considerar o contexto de muitos (as) estudantes que, pela primeira vez, produzem um TCC, ou seja, uma atividade de pesquisa.

¹⁷Para a estética, tomo como referência as reflexões de Leda Martins (2003), em seu texto intitulado: ‘Performances da oralitura: corpo, lugar da memória’.





Os instantes dos rituais que constituem uma apresentação e/ou defesa de TCC junto às bancas examinadoras devem ser reflexivos, públicos, coletivos, sobretudo educativos, traduzindo-se instantes de aprendizagens, não apenas para os (as) discentes, mas para os (as) docentes e demais pessoas que colorem esses lugares. Rituais que requerem a compreensão das potencialidades que ali se instituem, considerando as nossas possibilidades de trabalho e a condição de se fazer pesquisa no ensino superior, especialmente com estudantes que cotidianamente se vêem desafiados a permanecerem e a concluírem tal etapa acadêmica. Alguns estudos apontam que a condição de ser estudantes negros (as), mulheres que comprem funções maternas, trabalhadores (as), população Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queens, Intersexo, Assexuais, Pansexuais (LGBTQIAPN+) no Brasil afeta de modo considerável a qualidade da formação com destaque para o direito à pesquisa¹⁸. E, em nossas experiências, são esses (as) estudantes que, muitas vezes, realizam estudos críticos, contextualizados, que debatem raça, gênero, sexualidade, território, geração, interseccionalidade, desigualdades sociais múltiplas, vivências que tensionam os seus lugares diante a hegemonia da universidade pública no Brasil, o que para Peter McLaren (1992) chamaríamos de paradigmas dissimulados.

Ressalto que em muitas bancas examinadoras que venho participando, é perceptível a colaboração de muitos (as) docentes nessa mediação educativa. Bancas que apresentam qualidade nas leituras e modos avaliativos, colaborando com boas referências para qualificar o trabalho de monografia, incentivando os (as) estudantes a darem continuidade aos seus estudos acadêmicos, sobretudo na pós-graduação, participando ativamente da trajetória estudantil, não apenas no momento finais, mas desde o início da graduação. Dessa forma, com abordagens dialógicas, as bancas vêm potencializando a formação em pesquisa.

Inspirada e retomando à memória com base nas experiências-escrevivências, exponho alguns casos de apresentação e/ou defesa de monografias diante as bancas de

¹⁸Reflexões interessantes sobre a permanência de estudantes no Ensino Superior, considerando as discussões de classe, gênero e raça, podem ser encontradas nas monografias de Anjos (2023) e Souza (2022).





monografia em que estive presente, seja como orientadora, seja como professora-convidada. Destaco que os rituais são organizados anteriormente ao momento das apresentações, com a arrumação do ambiente físico, a estética dos (as) estudantes, suas indumentárias, os modos como se apresentam, oralizam, os presentes ofertados, a presença familiar, o alimento partilhado, as redes de amizade, as relações de afetos tecidas durante as jornadas pedagógicas, os desejos e os sonhos de encerrar uma etapa universitária de longa duração como a graduação, os “ensaios” do partilhar público os resultados de suas pesquisas científicas diante os (as) sujeitos (as) presentes.

Da teatralização ao território do Conjunto Palmeiras. Esses foram os recortes de minhas experiências com os instantes ritualísticos das apresentações de TCC junto às bancas examinadoras. Era o ano de 2015 quando uma estudante estava prestes a defender a sua monografia, ela estudava sobre as contribuições das festas escolares através de projetos para a formação dos (as) estudantes na Educação Básica. No dia em que apresentou o seu trabalho, estava caracterizada de palhaça. Na medida em que realizava a sua apresentação, retirava um adereço de seu rosto e corpo, entonando a voz trançada na sua trajetória como coordenadora pedagógica, apoiadora de projetos extraclasse. Ao mesmo tempo, a banca examinadora ficou surpresa, porque nem mesmo havia sido compartilhado com a orientadora, um ritual com ligas compostas por sensibilidade, criação, performance e comprometido com o trabalho científico na urdidura com a sua profissionalidade. A voz, o corpo, os gestos e a estética empregada estavam para além do que a academia supunha, remeto-me a oralitura de Leda Martins (2003, p. 77), que se inscreve “[...] na grafia do corpo em movimento e na vocalidade.” Inscrevem-se “[...] saberes, valores, conceitos, visões de mundo e estilos.” Uma performance que de modo concomitante se movimentou com as discussões teórico-metodológicas da pesquisa, as justificativas, a problemática, os objetivos construídos, entre resultados e discussões que teceram o trabalho apresentado.

De igual modo, em outra banca, uma estudante que estava pesquisando racismo, deu coerência com os seus referenciais e estudos em circularidade com o momento do ritual da banca de defesa. Criou-se um cenário, trazendo um atabaque, um





amigo para tocá-lo, a dança, elementos simbólicos afro-brasileiros, ao tempo em que todas as pessoas sentaram no chão da sala, em círculo, para o instante da apresentação-movimento, porque na medida em que houve a disposição dos elementos da pesquisa científica, de modo circular e em alguns instantes nos movimentamos ao som do atabaque. O que Martins (2003, p. 78) explica, estudando as danças rituais brasileiras de ascendência banto ou nagô-iorubá, “Dançar é performar, inscrever. A performance ritual é, pois, um ato de inscrição.” Performances que tanto a estudante, como o amigo convidado e as membras da banca participaram coletivamente.

Como havia comunicado, da teatralização aos territórios, a pouco tempo conseguimos planejar e materializar uma banca de defesa de monografia no Conjunto Palmeiras, na cidade de Fortaleza. Inspirações que foram possíveis porque duas mulheres do grupo cultural Batuque de Mulher cursaram Pedagogia na UECE. Uma delas, estudando a sua comunidade e as contribuições do grupo cultural supracitado na vida de mulheres negras e periféricas, fez a defesa no quintal que constituiu o Batuque de Mulher, repleto de simbologias, com a participação da comunidade, do grupo cultural e da família da estudante. Esse foi um dos momentos-memórias-vivências mais significativos nesses anos passados, uma vez que nos deslocamos da universidade para o território do Conjunto Palmeiras. E do quintal, um ritual traduzido em estéticas coletivas e criativas, repleto de memórias, potências de vozes e corpos, escritas culturais, negras e acadêmicas, desaguando em escrevivências¹⁹. “Os ritos cumprem, assim, uma função pedagógica paradigmática exemplar, como modelos e índice de mudança e deslocamento [...]” (Martins, 2003, p. 74).

Outras defesas de monografias, ou mesmo apresentações, traduzidas como rituais, foram marcantes e de muito aprendizado. No espaço do Ekobé²⁰, ou mesmo através do *Meet* em diálogo com rap, poesias, fotografias, ritmos, criações artísticas, em duplas (mais precisamente constituindo mesas de debates, entrelaçando temas afins), alternando vozes, corpos e estéticas, ações inéditas. “Costurando” colchas de memórias-

¹⁹Utilizo o conceito da professora Conceição Evaristo.

²⁰Ekobé é um projeto de extensão da Universidade Estadual do Ceará (UECE) que trabalha saúde coletiva e educação popular a partir de uma perspectiva ecológica e crítica.





retalhos-aprendizados, fico atenta ao que Peter McLaren (1992) sugere, o de seu interesse em identificar paradigmas subjacentes, ações que descontroem a anomia da vida acadêmica e nos possibilitam construir novos saberes, fortalecendo as difíceis movimentações no campo do direito a aprender e a fazer pesquisa científica.

4 Considerações Finais

A ideia de estudar sobre os rituais das bancas de monografia em um curso de Pedagogia, tem sido parte de minhas andanças no campo da Pesquisa Educacional, atuando em múltiplas ações na universidade, com o intuito de alargar o debate e estudo na área. Com base nas últimas experiências, inquietações em torno no processo formativo que atravessa a pesquisa científica, surgiu a necessidade de tecer considerações em torno de nosso aprendizado quando estamos participando, seja como orientadoras, como professoras membras-examinadoras de bancas de TCC, mais especificamente de monografias.

Um espaço que considero, inclusive, oportuno para refletir sobre a nossa profissionalidade docente no Ensino Superior, porque todas precisam ter circularidade entre a pesquisa, a extensão e o ensino com o objetivo de qualificar as formações nos cursos de graduação. Todavia, compreendo os aspectos estruturais que acometem as universidades públicas na esteira de um estado neoliberal e colonial, esgarçando as relações, os processos formativos, implicando, muitas vezes, em desencontros e descontextualizações curriculares que afetam os nossos modos de fazer pesquisa.

Não obstante, identifico que nos percursos dos rituais de bancas examinadoras de monografia, ao menos com base nas experiências e leituras realizadas até o momento, aprendemos muito no campo da pesquisa científica, em especial no tocante à necessidade de apoiar a formação inicial na área. Lembro que o que se apresenta a nós são trajetórias sociais, um primeiro exercício individual (mesmo construído a várias mãos, vozes, corpos e estéticas em contextos culturais múltiplos) de fazer pesquisa, dentro das condições que têm sido possíveis. Aspectos como a escolha do tema, a relação que os (as) estudantes tecem a partir de suas histórias sociais, sejam acadêmicas,





profissionais e/ou pessoais, a forma como se inicia esse processo, desde o pormenor do ato da escrita-pensamento, o apreender a selecionar uma referência, o reaprender a lidar com as leituras, a necessidade dos fichamentos comentados, a criar um problema de pesquisa, aprender com as epistemologias, a conexão entre as referências e as nossas experiências sociais, lidar com um tempo e um espaço disponíveis, manusear e criar com textos, gêneros que não sejam científicos e nem necessariamente escritos, conhecer as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas, as fontes, a artesanaria da abordagem metodológica, enfim, até os resultados e discussões em uma urdidura de múltiplas possibilidades, tanto no ato da produção textual ao tempo em que se constrói o conhecimento científico, são atividades potencializadoras de um cotidiano necessário para fazer pesquisa.

E, em minhas experiências, tenho aprendido que os rituais de bancas examinadoras precisam ter abordagens dialógicas, educativas e com traços de aprendizagem, não apenas em relação aos (às) discentes, mas aos (às) docentes. No campo da Pedagogia, com um caleidoscópio de áreas de conhecimento, aprendemos muito, inclusive quando participamos de bancas que possuem temas indiretos para a nossa formação, são nesses momentos que conseguimos realizar leituras/diálogos interessantes que vão contribuindo para o alargamento de nossa visão de mundo, corroborando com a nossa alteridade frente aos (às) estudantes intelectuais que se apresentam na universidade. De outro modo, os (as) estudantes expõem que ao participarem de bancas sinalizam a importância da pesquisa em suas formações, mesmo com os desafios originados em seus percursos, porém, apontam a pesquisa como uma atividade central, de responsabilidade de todos (as) que participam de um curso de graduação.

Por fim, penso que estudar, analisar as contribuições das bancas examinadoras em nossas experiências é um exercício que ainda está por se fazer, considerando as poucas pesquisas direcionadas para tal espaço. Ademais, esse primeiro exercício como educadora da área de pesquisa me fez pensar que o direito a aprender a fazer pesquisa científica na universidade pública ainda é um longo percurso que intentamos realizar, tornar palpável, principalmente na graduação, considerando que a





atividade da pesquisa, historicamente, foi e ainda vem sendo “privilegio” de quem faz pós-graduação, em especial mestrado e doutorado.

Referências

ARAÚJO, Raquel Barcelos de; KLAZURA, Marcos Antônio. Formação em debate: metodologia aplicada no processo de orientação do TCC de Serviço Social. **26ª CIAED Congresso Internacional ABED de Educação à Distância**. Curitiba, junho, 2020.

Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://www.abed.org.br/congresso2020/anais/trabalhos/53559.pdf>. Acesso em: 10 de jun. 2025. DOI: 10.171.43.

AZEVEDO, Maria Raquel de Carvalho. **Ensinar a pesquisar: o que aprendem docentes universitários que orientam monografias?** 2011. 271 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2011. Disponível em:

<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/7579>. Acesso em jun. 2025.

BESERRA, Raquel C. M.; Azevedo, Maria Raquel de C. **Traços de aprendizagem da pesquisa científica na formação inicial no curso de Pedagogia: relatos, percursos e experiências**. 1 ed. Curitiba: CRV, 2021. 106 p.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 26ª. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991. 120 p.

COHN, Clarice. **Antropologia da Criança**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. 59 p.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. (Org). **Escrevivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Artes, 2020. p. 26-46. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>.

Acesso em: jun. 2025

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 144 p.

_____. A importância do ato de ler. In: **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 12ª. ed. São Paulo: Cortez, 1986. 96 p.





JÚNIOR, João Correia Saraiva. O papel do TCC na formação do professor pesquisador: o caso da licenciatura em Geografia do IFRN. In: **Revista Ensino de Geografia** (Recife) V. 4, Nº. 1, 2021. p. 92 – 113. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/367946516_O_papel_do_TCC_na_formacao_do_professor_pesquisador_o_caso_da_licenciatura_em_geografia_do_IFRN. Acesso em jun. 2025.

hooks, bell. Eros, erotismo e o processo pedagógico. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 113-124. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/30353576.pdf>. Acesso em: jun. 2025.

MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. Letras, nº 26. **Língua e Literatura: Limites e Fronteiras**, 2003, p. 63-81. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881>. Acesso em: 10 de set. 2025

MCLAREN, Peter. **Rituais de escola: em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação**. 1ª. ed. Petrópolis: RJ: Vozes, 1991. 400 p.

MEDEIROS, B. C. *et al.* Dificuldades do processo de orientação em Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC): um estudo com os docentes do curso de Administração de uma instituição privada do Ensino Superior. **Revista Holos**. Ano 31, v. 5, 2015. p. 242-255. Disponível em: [file:///C:/Users/Usuario/Downloads/cousteau,+18071600_Vol_5_2015_242_255%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/cousteau,+18071600_Vol_5_2015_242_255%20(3).pdf). Acesso: mai. 2025

MINAYO, Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 26ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. 111 p.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas.; FLORES, Fábio Fernandes.; ALMEIDA, Cláudio Bispo de. Pressuposto para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista Práxis Educacional** v.17, n. 48, p. 60-77, OUT./DEZ. 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9010>. Acesso em 17 de ago. de 2025.

NUÑES, Geni. **Descolonizando afetos: experimentações sobre outras formas de amar**. 1ª. ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023. 192 p.

RODRIGUES, E. C. Apontamentos para orientação de monografia. **Cenas Educacionais**, [s.l.], v. 4, n.e11753, p. 1-23, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/11753>. Acesso em 10 de jun. de 2025.





SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 22^a ed. São Paulo: Cortez, 2007. 304 p.

SOUZA, Davison S. **Cota não é esmola**: as cotas raciais na UECE. 1^a ed. Recife: Mirada, 2022. 156 p.

